

Empréstimo-ponte de US\$ 500 milhões

GAZETA MERCANTIL

por Tom Camargo
de Londres

Está praticamente fechada a negociação para a obtenção de um empréstimo-ponte de US\$ 500 milhões com o Banco para Compensações Internacionais (BIS, o banco central dos bancos centrais dos países industrializados) que servirá para colocar em dia o pagamento dos juros aos bancos privados.

Apenas dois países, dos catorze que participarão da operação, ainda não aderiram formalmente, segundo informou o Banco da Inglaterra (banco central) ao ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega.

O anúncio da conclusão do empréstimo-ponte — que facilitará as conversas com o Clube de Paris na próxima semana — poderá, segundo o ministro, acontecer "dentro de alguns dias". Uma fonte próxima do ministro foi ainda mais otimista: disse que o desfecho poderá acontecer ainda hoje.

Se os US\$ 500 milhões se

materializarem com tal presteza, estará configurada uma circunstância favorável ao Brasil: os mesmos participantes do empréstimo-ponte serão os principais interlocutores e durante a renegociação dos créditos e garantias oficiais no Clube de Paris.

O pagamento dos US\$ 500 milhões será feito em tandem com o primeiro desembolso de um acordo que se pretende assinar com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Se o BIS aprovar o "bridge-loan" antes mesmo de o Fundo formalizar o acordo com o Brasil (o que deve acontecer na próxima terça-feira, dia 26), estará dando um voto antecipado de confiança ao País. Trata-se de uma atitude pouco usual nos anais do conservador BIS.

O ministro Ferreira da Nóbrega completou ontem, ao voar no fim da tarde para Paris, a primeira parada daquilo que chama de "apresentação itinerante", sua tradução para "roadshow", isto é, uma visita a toque de caixa às capitais

de seus principais credores europeus, explicando as diversas faces dos acordos externos brasileiros.

Mas ao mesmo tempo em que, como fez ontem em Londres, manterá contatos com autoridades monetárias, banqueiros credores e grandes investidores, o ministro da Fazenda procurou um espaço para falar com homens de negócios interessados em saber detalhes sobre ações governamentais que possam viabilizar sua presença no Brasil.

Ainda ontem, durante um almoço em que foi homenageado pela Câmara de Comércio Brasileira na Grã-Bretanha, Mailson disse que o Conselho Monetário Nacional deverá aprovar, na última semana de agosto, um programa de conversão de dívida em exportações. Fazendo blague, o ministro observou que o governo já rascunhou 22 propostas diferentes, mas que ainda procura uma forma de implementar o programa sem afetar a receita gerada pelas exportações tradicionais.

A propósito do mesmo assunto, disse que já existem pedidos para conversões de dívida em exportações totalizando mais de US\$ 10 bilhões, abrangendo de navios a soja. Ele lembrou que o governo tem um sistema pré-classificatório para os candidatos, sublinhando que as mercadorias envolvidas não devem ser exportáveis normalmente, que devem implicar a obtenção de financiamentos de longo prazo, devem permitir a geração de "adicionalidades" (isto é, devem criar um efeito cascata de vantagens para o País) e devem abrir novos mercados.

(Continua na página 16)

O Chile, desde que iniciou seu programa de conversão da dívida externa em investimentos, há três anos, já reduziu em US\$ 4 bilhões os débitos, então de US\$ 22 bilhões. Segundo informações do banco central do país, no próximo dia 4 de agosto o governo pretende firmar um acordo inovador com os bancos credores e ainda retornar ao mercado voluntário de crédito.

ACERTO EXTERNO
GAZETA MERCANTIL

Emprestimo-ponte...

por Tom Camargo
de Londres
(Continuação da 1ª página)

Ele deixou claro que há dúvidas se operações do tipo deverão incorporar ou não os descontos hoje existentes para ativos brasileiros. Mailson citou a troca de navios (devido às peculiaridades do mercado internacional) como um exemplo típico de mercadoria passível dessa operação.

Respondendo a uma questão colocada por um representante da British Petroleum Mineração, o ministro deixou claro que o executivo lutará para suprimir, na segunda etapa da Constituinte, a restrição à operação no País de empresas estrangeiras no setor mineral. Esta é uma das duzentas emendas suppressivas que o governo elaborou para a segunda fase da Constituinte, explicou.

O ministro da Fazenda começou seu expediente londrino no domingo, com um jantar com os quatro maiores bancos comerciais ingleses (National, Westminster, Barclays, Midland e Lloyds). Ele admitiu que pelo menos um deles, o NatWest, ainda não se decidiu se participará do "pacote" brasileiro (o mesmo NatWest mostrou-se igualmente recalcitrante quando do fechamento do acordo de 1986), mas disse que seu "chairman", lord Boardman, "não fechou nenhuma porta".

Ontem, a delegação brasileira recebeu o reforço de Thomas Reichmann, do FMI; Armeane Choksi, do Banco Mundial; e Bill Rhodes, do comitê assessor de bancos, para uma apresentação para uma platéia formada por banqueiros credores estabelecidos na City.

O ministro, que fez a apresentação final, disse que os ganhos, nos primeiros cinco meses do ano, na frente do déficit público, foram bem recebidos pelos banqueiros. Em contrapartida, ouviu dos mesmos banqueiros muitas indaga-



Mailson da Nóbrega

cões a propósito das taxas de inflação. Ele disse que as instituições com visão de longo prazo aceitam bem a ideia de que uma reversão da inflação poderá acontecer dentro dos próximos meses — ele enfatizou que os números de agosto provarão que "os preços não estão descontrolados".

Reichmann explicou aos banqueiros que o FMI fará um acordo com o Brasil apesar das altas taxas de inflação, porque considera que a indexação no País torna a política de controle de preços mais difícil.

Nos encontros com Nigel Lawson, o ministro do Tesouro inglês, e Robin Leigh-Pemberton, governador do Banco da Inglaterra, Mailson da Nóbrega disse ter apurado uma disposição favorável, portanto bastante diferente (notadamente no caso de Lawson) da demonstrada durante a visita de um dos antecessores de Mailson, Dilson Farno.

Lawson teria dito que o governo brasileiro deveria preocupar-se em jamais operar com juros negativos, enquanto Leigh-Pemberton formalizou o apoio britânico ao empréstimo-ponte do BIS.

A delegação brasileira seguiu ontem à noite para Paris, onde o ministro se encontraria, ainda na noite de ontem, com a imprensa econômica francesa. Hoje mesmo ele manterá vários contatos com autoridades e banqueiros franceses e seguirá à noite para a Alemanha.